

PAULO PINTO/AE



Vida melhor
Miséria cai 27,7%;
Santos deixou de
morar 'de favor'

● PÁGs. B14 e B15

Miséria no Brasil cai 27,7% no 1º mandato de Lula

Queda foi de 27,7% no período 2003-2006, superando a de 24,3% nos dois governos de Fernando Henrique

Nilson Brandão Junior

RIO

A miséria no País caiu 27,7% no primeiro mandato de Lula, superando o recuo de 24,3% em todo o governo Fernando Henrique. Os dados são de levantamento feito pela Fundação Getúlio Vargas (FGV). Apenas em 2006, um total de 5,9 milhões de pessoas deixaram de ser miseráveis, uma redução de 15% ante 2006, a maior desde 1987. O estudo também conclui que, desde 1982, as políticas de renda no País acompanham o calendário eleitoral: favorecem a população no ano da campanha e penalizam no seguinte.

A fatia da população que vive em situação de miséria, que era de 35,16% em 1992 e de 22,77% em 2005, recuou para 19,31% em 2006. O levantamento considera em miséria os que vivem com renda per capita familiar inferior a R\$ 125,00 ao mês, que, em 2006, somavam 36 milhões de pessoas no País.

O cozinheiro baiano Robson Andrade dos Santos faz parte da parcela da população que deixou essa situação nos últimos anos. Em 2000, ele veio tentar a vida em São Paulo. "Vim atrás da cidade grande e de oportunidade, como a gente vê na novela", conta Santos. Depois de vi-

'Há espaço para avançar mais'

... A desigualdade no País caiu entre 2001 e 2006 depois de vir no mesmo nível praticamente desde a década de 70. Com isso, o Brasil deixou de ser o terceiro País mais desigual do planeta no início da década, para ser o 10º em 2005, de acordo com o Banco Mundial. Conforme a estimativa do economista da Fundação Getúlio Vargas (FGV) Marcelo Neri, o Brasil pode ter chegado ao 12º lugar no ano passado.

Também de 2001 a 2006, a renda domiciliar per capita dos 10% mais pobres cresceu 57,47%, quase oito vezes e meia o crescimento de 6,84% da renda dos 10% mais ricos da população brasileira, segundo levantamento da FGV divulgado ontem. Neri ex-

plica que o Brasil ainda é "muito desigual" e justamente por isso tem espaço para avançar. "Podemos gerar um crescimento pró-pobreza que ninguém mais pode gerar. O Brasil está melhorando", afirma ele.

A miséria metropolitana chegou a 14% no ano passado, o menor nível desde o início dos anos 90. Com a crise nessas regiões na segunda metade da década passada, o grau de miséria chegou a atingir 21,2% da população em 2003 e recuou em 2006.

Embora mais alta, a miséria da área rural vem caindo progressivamente desde o início da década passada. Passou de 63,67% em 1997 para 40,96% no ano passado. ● N.B.J.

ver dois anos na casa de parentes em Heliópolis, maior favela de São Paulo, com uma refeição por dia, conseguiu emprego como auxiliar de cozinha. "Fui promovido e hoje sou cozinheiro." Com o salário de R\$ 630, alugou uma casa de dois cômodos e já a equipou com TV e DVD - tudo adquirido no crediário.

Na avaliação do coordenador do trabalho, Marcelo Neri,

o início do Plano Real e o ano de 2006 são marcos na redução da miséria no País. "FH e Lula vão ficar para a história como redutores da pobreza", comenta o economista. Os dados mostram que a queda da miséria no primeiro mandato de FH (1993 a 1998) foi de 23% e no segundo (de 1998 a 2002), de 1,7%.

O levantamento também revela que nos anos eleitorais a po-

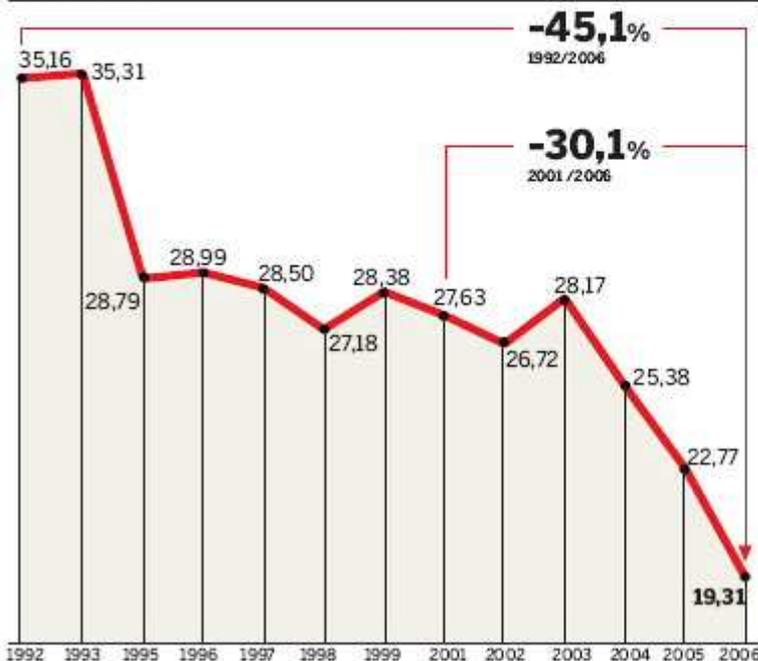
DESIGUALDADE

Menos brasileiros miseráveis

FGV considera miserável quem tem renda menor que R\$ 125. Em 2006, eram 36 milhões no País

População brasileira na linha da miséria*

EM PORCENTAGEM



Ranking da miséria por Estados**

ESTADO	EM %
1.º Alagoas	44,44
2.º Maranhão	44,23
3.º Piauí	40,08
4.º Pernambuco	36,77
5.º Ceará	36,05
6.º Bahia	34,72
7.º Sergipe	30,84
8.º Paraíba	30,54
9.º Rio Grande do Norte	29,57
10.º Tocantins	24,00
11.º Espírito Santo	16,89
12.º Minas Gerais	16,56
13.º Mato Grosso	15,48
14.º Goiás	13,48
15.º Mato Grosso do Sul	12,50
16.º Rio de Janeiro	11,84
17.º Distrito Federal	11,80
18.º Rio Grande do Sul	10,20
19.º São Paulo	9,94
20.º Paraná	9,79
21.º Santa Catarina	4,68

Variação acumulada

GOVERNO LULA - 1.º mandato



PERÍODO: 2002/2006

VARIAÇÃO

↘ -27,7%

GOVERNO FHC - Total



PERÍODO: 1993/2002

VARIAÇÃO

↘ -24,3%

Dois mandatos de FHC

1.º PERÍODO 1993/1998
VARIAÇÃO **-23%**

2.º PERÍODO 1998/2002
VARIAÇÃO **-1,7%**

*A PNAD não foi feita em 1994

**Não constam todos os Estados brasileiros, por conta de mudanças metodológicas na PNAD durante o período levado em conta para o estudo

FONTE: CPS/IBRE/FGV A PARTIR DE MICRODADOS DA PNAD/IBGE

INFOGRÁFICO/ROBERTA ZAWITAE

breza caiu, em média, 7,6% e no ano seguinte subiu 3,7%. “No Brasil, isso evoluiu em sintonia com o calendário eleitoral. Entregam-se boas notícias antes das eleições”, diz ele. Na avaliação de Neri, o ano de 2007 deverá ser tão bom quanto 2006 e isso quebraria a tradição de “más notícias” depois de anos de disputa eleitoral. Ele projeta, por exemplo, que a geração

de vagas formais poderá superar a de 2004 (2,7 milhões).

Os principais motivos para redução da miséria no País têm sido a melhoria do mercado de trabalho, programas sociais como o Bolsa-Família e os ganhos reais dos salários mínimos.

Os dados também revelam que a pobreza extrema – que inclui os que vivem com menos de US\$ 1 por dia – caiu 60% entre

1993 e 2006, mais rápido do que o exigido pelas Metas do Milênio, da Organização das Nações Unidas. A meta previa redução à metade da pobreza extrema em 25 anos – o Brasil alcançou o objetivo entre 1992 e 2005. ●

COLABOROU MARIANNA ARAGÃO

Renda familiar cresce mais no Rio que em SP

Com alta de 12,2%, rendimento chegou a R\$ 858 na região metropolitana fluminense; Alagoas, Maranhão e Piauí têm maiores taxas de miséria

Fernando Dantas
Nilson Brandão Junior

RIO

A renda média familiar per capita da região metropolitana do Rio de Janeiro cresceu 12,2% em 2006 e passou a de São Paulo, que cresceu apenas 4,4%. No ano passado, segundo os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), a renda média familiar per capita na região metropolitana do Rio em setembro de 2006 (quando a pesquisa foi a campo) era de R\$ 858 e a de São Paulo ficou em R\$ 824. Em 2005, a paulista era de R\$ 790 e a do Rio de R\$ 765 (todos os valores foram ajustados pela inflação).

A região metropolitana de São Paulo é composta por 40 municípios, incluindo São Paulo, e a do Rio, por 20. O fato de a renda média metropolitana carioca ser maior que a paulista não é inédito - já tinha ocorrido em 2003 e 2004.

Os dados da Pnad 2006 mostram que a renda média familiar per capita do conjunto das regiões metropolitanas - além de Rio e São Paulo, Belém, Salvador, Fortaleza, Recife, Distrito Federal, Belo Horizonte, Curitiba e Porto Alegre - cresceu 7,4% em 2007. Assim, São Paulo cresceu abaixo da média, e o Rio, acima. A renda do conjunto metropolitano, porém, cresceu menos do que a do País como um todo, que teve expansão de 9,3%, saindo de R\$ 525 em 2005 para R\$ 574 em 2006.

Em 2006, a região metropolitana de Belo Horizonte foi a que teve o maior aumento de renda familiar per capita, de 13,2%, levando-a para R\$ 733. O Rio veio em segundo lugar e Salvador, em terceiro, com aumento de 11,9%, para R\$ 553. O menor aumento, de apenas 1%, foi o de Curitiba (para R\$ 773), seguido de Fortaleza (4,3%, para R\$ 442) e São Paulo.

A maior renda familiar per capita metropolitana em 2006 foi a do Distrito Federal, de R\$ 1.119, com crescimento de 10,9%. A menor foi a de Fortaleza (R\$ 442). Os dados foram calculados, com base na Pnad, pelo Instituto de Estudos do Trabalho e Sociedade (Iets), do Rio.

ESTADOS

Dados levantados pelo Centro de Política Social da Fundação Getúlio Vargas revelam que Alagoas, Maranhão e Piauí têm maior participação de miseráveis na população, com percentuais, respectivamente, de 44,44%, 44,23% e 40,08%. A média no Brasil é de 19,31%. Já São Paulo (9,94%), Paraná (9,79%) e Santa Catarina (4,68%) têm as menores proporções de miseráveis.

Em 2006, as maiores quedas na taxa de miséria foram em Mato Grosso do Sul (-29,56%) e em Santa Catarina (-26,23%). Dentre os dez Estados que tiveram quedas inferiores à média de 15%, sete estão entre os que têm a maior parcela de miseráveis. ●

ROBSON FERNANDES/AE - 17/7/2007



SALÁRIO MELHOR - Rio teve o segundo maior aumento de renda

Desigualdade caiu mais em 2006

--- A queda da desigualdade medida pelo Índice de Gini em 2006 foi maior do que a ocorrida em 2005, quando se analisa a renda média familiar per capita do País como um todo. Enquanto a queda do Gini de 2005 para 2006 foi de 1,1%, de 0,572 para 0,565, a de 2004 para 2005 foi de apenas 0,5%, de 0,575 para 0,572. O Índice de Gini, que varia de zero a 1, aponta piores distribuições à medida que cresce.

O Gini da renda familiar per capita, uma medida muito usada

pelos pesquisadores de pobreza, vem caindo gradativamente desde um pico de 0,60 mantido por muitos anos, de 1993 a 1999.

A queda já foi de 5,28%. André Urani, do Instituto de Estudos do Trabalho e Sociedade (Iets), do Rio, considera que essa é uma melhora significativa e ainda não parou. "Em 2006, a queda da desigualdade prosseguiu junto com a aceleração econômica, o que é um ótimo sinal", diz. ● F. D.

EMPRESAS

Salário médio tem redução de 4,4% em 5 anos

Setor público representa 0,4% das empresas, mas emprega 24% do total

RIO

O salário médio mensal entre 2000 e 2005 caiu 4,4% nas empresas, conforme a pesquisa Cadastro Central de Empresas, divulgada ontem pelo IBGE. A menor queda no período, de 1,2%, foi na administração pública. O recuo nas entidades sem fins lucrativos foi de 1,5% e nas empresas privadas, de 5,7%.

Embora represente 0,4% do total de empresas, o setor de administração pública tem 24% do pessoal ocupado e 29,8% dos salários pagos. O instituto alerta, contudo, que algumas secretarias públicas concentram várias unidades.

Os 5,7 milhões de empresas desembolsaram, em 2005, R\$ 444,3 bilhões em salários e remunerações, com aumento de 22,8% ante 2000. O total desembolsado equivale a um salário médio mensal de R\$ 1.060,48,

ante R\$ 1.044,95, em 2004. Em salários mínimos, o salário médio caiu de 5 mínimos, em 2000, para 3,7, em 2005.

No mesmo período, as empresas privadas apresentaram o maior aumento de pessoal ocupado (5,5%), seguidas da administração pública (5,1%) e entidades sem fins lucrativos (4,9%). Em 2000, 30,8% dos assalariados recebiam até dois salários mínimos. Cinco anos depois, essa fatia chegava a 45,2%, enquanto a dos que ganhavam mais de oito mínimos diminuiu de 14,7% para 8,4%.

A ocupação em São Paulo foi maior do que em todo o restante do Sudeste em 2005. Enquanto São Paulo tinha 30,1% dos ocupados no País, o restante da Região Sudeste tinha 22,1%, seguida do Sul (18,5%); Nordeste (16,8%); Centro-Oeste (7,8%); e Norte (4,7%).

● **NILSON BRANDÃO JUNIOR E JACQUELINE FARID**